

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.114

# FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PESQUISA COLABORATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA PRÁTICAS COM ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA MÚLTIPLA

Maíra Gomes de Souza da Rocha<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto relata experiência de pesquisa que teve por objetivo analisar processos e práticas para a aprendizagem de estudantes com deficiência múltipla matriculados no atendimento educacional especializado (AEE). Entendemos por deficiência múltipla a associação entre duas ou mais deficiências primárias (intelectual, motora/física ou sensorial) trazendo impactos significativos no desenvolvimento. Considerando os diferentes quadros que pode apresentar, ressaltamos o desafio de efetivar práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento desses estudantes. Por meio de pesquisa qualitativa com opção metodológica pela pesquisa-ação, o estudo foi realizado em duas salas de recursos de escola pública de Município da Baixada Fluminense/ RJ. Utilizando como procedimento a observação participante com registros em diário de campo e filmagens com posterior transcrição, foram acompanhadas as práticas desenvolvidas no contexto do AEE e, concomitantemente, realizados encontros periódicos com as docentes para discussão das práticas e estudo da perspectiva histórico-cultural tendo em vista conceitos que contribuem para melhor compreensão sobre o desenvolvimento humano

1 Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal do Rio de Janeiro- RJ, [mairagsrocha@gmail.com](mailto:mairagsrocha@gmail.com);

e suas especificidades quando impactado por deficiências. A teoria histórico-cultural fundamentou a pesquisa e deu suporte para as análises de seus resultados, tendo em vista também os pressupostos da análise de conteúdo. Como resultados, destacamos: A necessidade de formação que contribua para práticas mais sistematizadas e adequadas às necessidades educacionais; A importância de que docentes conheçam conceitos como os de mediação e compensação para fazerem boas escolhas para a prática pedagógica; Urgência em acessar conhecimentos de áreas como da tecnologia assistiva e comunicação alternativa para utilização de recursos e estratégias; A efetivação da pesquisa-ação como pesquisa colaborativa, se constituindo como importante ferramenta para a formação continuada de professores. Por fim, a investigação mostra possibilidades para um processo de escolarização mais inclusivo uma vez que docentes puderam observar potencialidades de aprendizagem, vislumbrando melhores possibilidades para o desenvolvimento de suas práticas.

**Palavras-chave:** Formação de Professores, Pesquisa Colaborativa, Deficiência Múltipla, Processos de Ensino e Aprendizagem.

## INTRODUÇÃO

Este texto traz relato de pesquisa que analisou processos e práticas para o desenvolvimento da aprendizagem de estudantes com múltiplas deficiências, procurando conhecer as especificidades destes sujeitos, a fim de investigar ações e recursos que possam beneficiar os mesmos em seu desenvolvimento educacional.

Não é uma tarefa fácil conceituar deficiência múltipla e há debates sobre a melhor forma de definir esta categoria de deficiência. Autores como Carvalho (2000) nos auxiliam e por isso, utilizamos aqui suas palavras:

[...] expressão adotada para designar pessoas que têm mais de uma deficiência.

É uma condição heterogênea que identifica diferentes grupos de pessoas, revelando associações diversas de deficiência que afetam, mais ou menos intensamente, o funcionamento individual e o relacionamento social (p.47).

Assim, entendemos a deficiência múltipla como a associação entre duas ou mais deficiências primárias (intelectual, física/motora ou sensorial) em que a combinação entre estas pode acarretar impactos significativos na vida de uma pessoa (Rocha, 2018). Pode implicar extensa possibilidade de associação de deficiências, variando conforme o número, a natureza, o grau e a abrangência das deficiências em questão; conseqüentemente, variam os efeitos dos comprometimentos na vida e prática das pessoas que a apresentam.

Sobre a deficiência múltipla ainda se nota pouca referência ou até ausência desta nos documentos oficiais (Araóz, 2010; Rocha; Pletsch, 2015; 2018; Rocha; 2014; 2018; 2025). Desde 2012, temos investido em pesquisas acompanhando a situação de escolaridade destes estudantes, uma vez ainda são poucos os estudos no campo educacional e é fundamental que conheçamos melhor suas especificidades para a efetivação de suportes e apoios, em especial para a efetivação da escolarização (Rocha; Pletsch, 2018).

A escolarização de estudantes com deficiência múltipla numa perspectiva inclusiva é recente na educação brasileira (Rocha; Rocha, 2025). Havendo consenso de que há uma lacuna na Educação de estudantes com deficiência múltipla no ensino comum em nosso país. Até recentemente, as crianças com múltiplas deficiências só poderiam ser educadas separadamente, em escolas especiais ou instituições destinadas ao atendimento de estudantes com deficiência intelectual. Em situação ainda mais grave, ficavam totalmente desassistidas (Kassar, 1999; Brasil, 2006).

Por isso, com a chegada destes estudantes cada vez mais nas escolas, é fundamental pensar sobre as interações e possibilidades para que processos de ensino favoreçam aprendizagem e seu desenvolvimento (Rocha, 2018).

Tomando a perspectiva histórico-cultural para melhor compreensão do desenvolvimento humano, tendo em vista seus pressupostos que também nos contribuem quando este desenvolvimento é impactado pela deficiência (Vigostki, 1997; 2011), vemos a necessidade de que profissionais da educação passem por processos formativos que venham ao encontro das necessidades de desenvolvimento. Nos últimos anos, diversos pesquisadores ressaltam a necessidade de formação docente de qualidade para que seja processos de escolarização sejam também mais qualitativos (Garcia, 2013; Araújo, 2016; Oliveira; Mendes, 2016; 2024; Rocha, Oliveira, Estef, 2025).

Tendo em vista isso, foi proposto o projeto “A escolarização de estudantes com múltiplas deficiências em uma escola pública da Baixada Fluminense: formação de professores e processos de ensino e aprendizagem”<sup>2</sup>, tendo como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas e os processos de ensino e aprendizagem de estudantes com múltiplas deficiências. Como objetivos específicos, podemos destacar:

---

2 Com financiamento FAPERJ.

- Conhecer as especificidades e necessidades educacionais especiais de sujeitos com múltiplas deficiências, a fim de buscar práticas e recursos adequados às suas demandas pedagógicas;
- Refletir sobre as possibilidades de uso das tecnologias assistivas e a comunicação alternativa para a construção da aprendizagem de estudantes com múltiplas deficiências;
- Contribuir para o processo de formação de professores no que diz respeito ao trabalho pedagógico com estudantes com múltiplas deficiências.

Metodologicamente, nos pressupostos da pesquisa-ação (André, 1995; Barbier, 2002; Thiollent, 2005; Glat; Pletsch, 2012), tendo em vista a possibilidade de trabalharmos de forma colaborativa com as professoras participantes do estudo.

Ainda que com a expectativa de que esta opção metodológica poderia contribuir como um processo formativo para as professoras, ao iniciar o estudo ainda não tínhamos ideia do quanto que isso poderia se concretizar. Tendo em vista o que vivenciamos e o que este estudo veio a nos trazer como resultados, compartilharemos nesta escrita o quanto que uma pesquisa de natureza colaborativa pode ser profícua a este respeito.

## METODOLOGIA

Para a realização do nosso estudo, entendemos que a abordagem qualitativa seria a mais adequada, tendo em vista a natureza do estudo e a nossa intenção de realizar uma pesquisa-ação. Assim, seguindo o disposto em André (2005) optamos pela pesquisa qualitativa, tendo em vista o universo heterogêneo de métodos e técnicas que colaboram para as investigações da área da educação.

Com relação à metodologia da pesquisa-ação, nos fundamentamos nas orientações de Barbier (2002), Thiollent (2005) Glat e Pletsch (2012). Cabe destacar a definição de pesquisa-ação que Thiollent (2005) nos traz:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (p. 16).

Assim, a pesquisa-ação, além da ideia de movimento que sua própria nomenclatura nos traz, vai ao encontro das necessidades e demandas do grupo ao qual serve no campo de pesquisa. Uma das principais características desta metodologia é a participação ativa dos sujeitos envolvidos no estudo e a promoção da colaboração entre pesquisadores e participantes (Glat; Pletsch, 2012).

Apresenta uma flexibilidade que além de propiciar a ação, contribui para uma postura diferente por parte do pesquisador que se constitui como um colaborador para a resolução de problemas, apresentando-se como um parceiro disposto a conhecer a dinâmica do contexto em questão. A pesquisa se desenvolve numa ação coletiva em busca de mudanças, de transformação.

Mediante a essas características da metodologia em questão e aos objetivos da pesquisa, após todos os ritos burocráticos para a autorização, incluindo a aprovação em conselho de ética, iniciamos nosso trabalho de campo em escola pública de Município da Baixada Fluminense/ RJ. Acompanhamos as práticas de duas professoras do atendimento educacional especializado – AEE, modalidade sala de recursos, atuando com quatro estudantes com deficiência múltipla. Professoras e estudantes, como sujeitos constituintes da pesquisa, eram visitados semanalmente pelas pesquisadoras em momentos de atendimento aos estudantes no AEE.

Concomitantemente, de forma quinzenal, docentes e pesquisadoras se reuniam para discutir as questões vivenciadas em campo e à luz das perspectiva histórico-cultural, buscar alternativas para as dificuldades e possibilidades para uma prática pedagógica condizente com as especificidades de desenvolvimento apresentadas pelos estudantes.

Como procedimentos de pesquisa, realizamos a observação participante com registros em diário de campo; gravações em vídeos dos momentos de interações entre professoras e estudantes; gravação em áudio das discussões e momentos de estudo com as pesquisadoras. Para a análise dos dados, percorremos os caminhos indicados pela análise de conteúdo (Bardin, 1977).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As dificuldades na formação dos professores estão presentes na educação em geral, sobretudo quando focamos a prática pedagógica desenvolvida com estudantes que tem maiores necessidades de apoios e suportes (Rocha; Pletsch, 2018). Desta forma é fundamental o investimento tanto na formação inicial quanto na continuada para que tenhamos profissionais não apenas mais preparados e seguros na sua atuação, mas com práticas que coadunem com os desafios não apenas em relação aos estudantes com deficiência, mas da realidade escolar como um todo (Rocha; Oliveira; Estef, 2025).

Tendo em vista que os nossos estudantes eram crianças consideravelmente comprometidas (com dificuldades de locomoção, limitações comunicacionais e outras) encontramos na pesquisa-ação um processo metodológico-formativo que poderia se pautar no referencial teórico histórico-cultural de Vigotski. Este referencial valoriza o desenvolvimento dos sujeitos, sem se esquecer da importância da dimensão social em seus processos (Vigotski, 1997; 2009; 2011).

Como já mencionado, a deficiência múltipla pode trazer impactos significativos para a vida prática das pessoas que a apresentam. Esta situação se evidenciou também em nossa pesquisa de campo, quando estes impactos se traduziam em limitações desde a autonomia dos estudantes em atividades simples do cotidiano, chegando a comprometimentos que incidiam diretamente em seus processos de ensino e aprendizagem.

Tendo em vista esta realidade, buscamos nos momentos de estudo com as professoras, dimensões teóricas que pudessem nos auxiliar no entendimento de como os processos de ensino e aprendizagem destes estudantes poderiam ser beneficiados. Assim, considerando as contribuições da teoria histórico-cultural na compreensão desses processos e do desenvolvimento de pessoas com deficiência, os discutimos à luz de algumas de suas proposições desenvolvidas por Vigotski.

No campo da Educação Especial, cada vez mais se apresentam teóricos interessados em aprofundar estudos sobre este referencial, entretanto, sobre as questões da aprendizagem especificamente em relação à deficiência múltipla, ainda são escassos os estudos acadêmicos (Carvalho, 2000; Rocha, 2014; 2018; 2025).

A pesquisa nos evidenciou diversas potencialidades e possibilidades nos sujeitos acompanhados. No entanto, também ficou clara a necessidade de maior aprofundamento teórico das docentes para identificá-las e contribuir pedagogicamente para o seu desenvolvimento. Este aspecto foi observado tanto no acompanhamento do trabalho nas salas de recursos, quanto nos discursos das professoras durante os momentos de estudo. Vejamos alguns registros acerca dessas questões:

A professora começou com uma música em que usava escovinhas de dente para fazer estimulação tátil em Marcelo. Depois, ela colocou um vídeo (em seu próprio notebook) para explorar imagens sobre o circo. Dentro do mesmo tema do vídeo, fez estimulação com diferentes objetos a fim de que o aluno observasse seus formatos, cores, texturas, dentre outros aspectos. Nota-se que a professora tenta tudo. Ela comenta: “Nem sempre tenho a certeza se estou indo pelo caminho certo, o que eu não posso é desistir!” (Registro em diário de campo em 12/04).

Sei da minha dificuldade em entender o que os meus alunos precisam. Tento estimulá-los de todas as formas para que quando observo que está dando certo de determinado jeito, investir nisso. Sei que são capazes de aprender, mas não sei nem como é o raciocínio deles. Na hora em que chegam na sala a gente pensa: “o que será possível fazer com eles?” (Relato obtido em reunião com as professoras em 05/06).

Assim, a perspectiva histórico-cultural também nos deu respaldo teórico conceitual pois tratamos da aprendizagem de pessoas com deficiência. O trabalho exigiu profundidade no campo para uma observação detalhada e abrangente uma vez que envolvia sujeitos com dificuldades de comunicação e interação social.

No caso dos estudantes acompanhados pela pesquisa, notamos a complexidade de observar seu desenvolvimento, devido aos comprometimentos severos que apresentam. A atenção constante aos sinais que poderiam ser emitidos pelos estudantes era fundamental para que elas não fossem ignoradas. Vejamos no caso do aluno Marcelo:

Data	Local	Horário	Duração do episódio	Descrição
24/04	Sala de recursos	09:17h	00:00:34	Sentado de frente para o computador, Marcelo observa o vídeo emitindo alguns sons bem baixinhos. De repente, ele se assusta e num reflexo bem sutil, balança o braço.

**Fonte:** Vinheta confeccionada a partir das transcrições de vídeos

Num primeiro contato com este estudante é difícil mensurar possibilidades para que haja o desenvolvimento de funções psicológicas superiores<sup>3</sup>. No entanto, apesar do quadro severo que apresenta, por várias vezes notam-se ações conscientes e controladas. Deste modo, a teoria histórico-cultural se propõe a analisar o desenvolvimento dos processos superiores a partir da internalização de práticas sociais específicas.

Compreendendo, então, que o desenvolvimento biológico não pode ser desconsiderado e que todas as funções superiores têm as suas origens em processos sociais (Vigotski, 2009; 2011), consideramos que estas postulações nos foram fundamentais para melhor entender as limitações dos estudantes e a partir destas, colaborar pelo meio social, para o desenvolvimento de estruturas psicológicas mais elaboradas.

Esse fator se evidenciou ao longo das observações das práticas e das discussões com as professoras. Notamos na observação abaixo que a professora tinha a consciência das limitações dos estudantes e as considerava

para a realização das atividades; assim, procurava “compensá-las” por meio de diferentes estratégias:

Iniciou-se a contagem de história através da leitura de um livro (a mesma da última vez que acompanhamos, história dos “Três porquinhos”). Ruth narrava a história com extrema riqueza de detalhes em sua expressão facial. Todas as vezes que assoprava, imitando o lobo, Marcelo ria a ponto de dar gargalhadas. Houve também momentos em que interagiu, emitindo alguns sons e apertando os olhos. À medida que ia contando as casas da história, a professora colocava pinos no plano inclinado a fim de fazer interface com as quantidades. (...). São utilizadas miniaturas, bichos de pelúcia e gravuras durante a contação. Muitas vezes ele interagiu sorrindo com os sons engraçados que a professora fazia (Registro em diário de campo em 05/06).

Durante a entrevista, uma das docentes, pontuou a importância de conhecer melhor os conceitos da teoria histórico-cultural relacionando à necessidade que tem de identificar as peculiaridades de desenvolvimento de seus estudantes e assim, trabalhar de forma mais coerente. Na fala da professora ela também ressaltou a sua concepção sobre o desenvolvimento dos estudantes com deficiência:

O quanto o que ele [Vigotski] coloca, remete a gente à questão da prática mesmo. Por exemplo, você vai montar o planejamento para uma criança, vai levando em consideração todos os aspectos: a questão orgânica dela, a questão psicológica. Você pensa na questão cultural e na questão do desenvolvimento da criança. A gente pensa que a criança que tem deficiência teria um “atraso”, teria “estacionado” em algum momento de sua vida. Na verdade, seu desenvolvimento é diferente (Gravação realizada durante entrevista em 13/11).

Em outra oportunidade, ainda discutindo o mesmo aspecto, chegamos juntamente com as professoras à seguinte reflexão:

Mas agora eu quero falar mais sobre outro aspecto que foi colocado, sobre o desenvolvimento humano (...). Quando se afeta o outro, quando o outro tem prazer sobre aquilo que está sendo oferecido a ele. Mas, para isso, o sujeito tem que ter boas condições, pois não adianta ter um desafio psicológico que envolve diferentes ações, se o aluno não está preparado

para isso (Gravação realizada durante reunião realizada com as professoras em 18/09).

Intervir pedagogicamente sem considerar a questão biológica é incoerente e não colabora para o desenvolvimento, por outro lado, a restrição das ações pautadas somente nos fatores fisiológicos, ainda mais em sujeitos com severos comprometimentos, engessa as possibilidades de desenvolvimento.

Assim, além de observarmos as especificidades de desenvolvimento e melhor compreendê-las, o estudo oportunizou observar os potenciais dos nossos estudantes com deficiência múltipla, na utilização de recursos adequados a essas especificidades.

Pautados na perspectiva histórico-cultural, em especial nos pressupostos de mediação e do conceito de compensação<sup>3</sup> da deficiência (Vigotski, 1997), foi possível perceber que a utilização de estratégias e recursos de tecnologia assistiva (TA) e comunicação alternativa (CA) favorecem para além da comunicação, autonomia e participação, mas para processos de aprendizagem e desenvolvimento.

Rocha (2025) chama atenção para essa possibilidade evidenciada em nossa pesquisa: recursos de TA, entendidos como instrumentos de compensação - ressaltando esta prática a partir da fundamentação teórica nos estudos de Vigotski. Para ilustrar este aspecto, destacamos a fala de uma das professoras durante entrevista realizada, bem como duas situações registradas em vídeo durante a pesquisa de campo:

Pesquisadora: Como o acesso ao conhecimento das áreas de tecnologias assistivas e da comunicação alternativa pode colaborar para os processos de ensino e aprendizagem com estudantes com deficiência múltipla?

Professora: Já começa aí na questão da compensação... a tecnologia assistiva já ajuda nisso. A gente tem um aluno que tem uma dificuldade, e aí a gente quer usar um outro canal

3 O conflito que geralmente acontece por causa da deficiência, trazendo dificuldades para a vida do sujeito também pode criar possibilidades e estímulos de compensação. O defeito torna-se, portanto, o ponto de partida e principal força motriz por trás do desenvolvimento psíquico da personalidade (Vigotski, 1997).

um pouco mais aberto; essa tecnologia vai ajudar justamente nesse canal (Gravação realizada durante entrevista em 13/11).

A discussão deste conceito com as professoras nos levou a reflexões diversas que foram se concretizando através de mudanças em suas práticas pedagógicas. O entendimento de que o processo de compensação pode colaborar diretamente para os processos de aprendizagem dos estudantes com deficiência múltipla estimulou na identificação de potencialidades que poderiam ser desenvolvidas por meio de uma mediação pedagógica diferenciada. O relato de uma das docentes exprime a questão:

Estou gostando de estudar sobre a compensação porque me estimula a buscar meios e alternativas que venham a contribuir para a aprendizagem dos meus alunos. Sendo diferente o funcionamento do seu desenvolvimento, entendo que tenho que atender as suas particularidades para que ele aconteça. Isso é compensar! Ainda assim, também entendi que não podemos achar que a compensação vai garantir que ele venha a aprender tudo o que eu espero (Gravação realizada durante reunião em 13/11).

É mister oportunizar formações que possibilitem conhecer e refletir sobre conceitos como esse que nos ajudam a entender o desenvolvimento humano impactado pela deficiência e como contribuir por meio da prática pedagógica para este desenvolvimento. Do mesmo modo, entender como áreas como da tecnologia assistiva e de comunicação alternativa podem ser aproveitadas, é pertinente. São imprescindíveis formações que contribuam com saberes teóricos que venham ao encontro diretamente com a prática, dando inclusive, a oportunidade para que possam construir materiais e adaptações que venham a contemplar as particularidades de seus estudantes. A este respeito Pelosi (2011) salienta que:

Para que o professor possa auxiliar a introdução de recursos de tecnologia assistiva que auxiliem a comunicação, o aprendizado, a realização das atividades escolares, a participação nas brincadeiras e nas atividades complementares da escola, ele precisa ter conhecimento na área da tecnologia assistiva e estabelecer parcerias (p. 05).

Nos momentos de conversas com as professoras participantes do nosso estudo, foi ressaltada a importância destes recursos para os processos de aprendizagem dos estudantes com deficiência múltipla. Evidenciou-se a preocupação não apenas com o recebimento dos materiais, mas a necessidade de capacitação dos docentes para a utilização adequada:

Pesquisadora: Você acredita que o processo de ensino é facilitado com o uso destes recursos? Professora: Facilita muito. Em relação a isso também, eu assisti aquele vídeo que foi enviado, falando sobre o uso das tecnologias assistivas e o uso do computador – aquele programa “salto para o futuro” – eu assisti e pensei sobre quantos professores receberam vários computadores, vários tablets... mas, de que maneira que eles fizeram uso dessas ferramentas? A gente vê alguns lugares que receberam estes computadores, mas para o professor é simplesmente mais um equipamento para a sala de aula, sem saber muito bem como usar, como aproveitar... é para o fim da aula, é para o momento de distração (Gravação de entrevista realizada em 13/11).

Professora: Os recursos de TA e CA são muito importantes para o ensino, ainda mais com as necessidades dos nossos alunos. Mas, tem que saber usar... Se não, a gente acaba igual naquela história da professora que todo o dia fazia tabuada no quadro, aí chegou o computador, a tecnologia na sala dela e ela simplesmente colocou a tabuada da mesma forma no computador; o equipamento não fez tanta diferença assim. Então, se a gente não souber usar os recursos de TA e CA vai acontecer o mesmo (Gravação de entrevista realizada em 13/11).

Para não ocorrer este equívoco, é necessário garantir formações, trazendo novas possibilidades, apresentando novos conceitos, acompanhando continuamente a prática do professor (Rocha; Bernardo, 2025). Nesse sentido, entendemos que nossa pesquisa com base nos pressupostos da pesquisa-ação favoreceu a formação continuada das professoras participantes. Podemos destacar, por exemplo, os benefícios a partir da descrição em diário de campo sobre a prática de uma das docentes participantes que atuava no AEE há pouco tempo:

Quando eu penso na mudança nas práticas das professoras, penso especificamente na Claudia, porque ela não trabalhava com alunos com esse tipo de comprometimento. E é interessante ver a interação em relação aos recursos que ela

está começando a construir (Registro em diário de campo em 02/10).

A seguir, selecionamos alguns registros que exemplificam sugestões dadas às duas docentes ainda nos momentos de atendimento dos estudantes nas salas de recursos:

Professora começa a contar história para a aluna. Percebendo a dificuldade dela em gesticular sobre o conto e ao mesmo tempo posicionar o livro de forma que fosse adequado para a aluna conseguir ver, sugerimos à Claudia o uso de plano inclinado para apoiar a história – ela gostou da sugestão (Registro em diário de campo em 12/04).

Data	Local	Horário	Duração do episódio	Descrição
26/04	Sala de recursos	10:17h	00:01:13	Com o espelho apoiado em um plano inclinado (sugestão que demos à Ruth), é feita a estimulação com várias músicas enquanto Marcelo olha sua imagem refletida.

**Fonte:** Vinheta confeccionada a partir das transcrições de vídeos

Data	Local	Horário	Duração do episódio	Descrição
05/06	Sala de recursos	9:15h	00:00:57	Na exploração dos animais através de figuras apresentadas em slides por meio do computador, chega a vez da “vaca”. Trabalhando com um bichinho de pelúcia associado às imagens, a professora fala que a vaca produz o leite que bebemos (neste momento sugerimos à Ruth que peguemos para ela um copo de leite na cozinha para que de um modo concreto o estudante entendesse o que era leite).

**Fonte:** Vinheta confeccionada a partir das transcrições de vídeos

Outros pesquisadores relatam experiências parecidas, uma vez que por meio da pesquisa-ação conseguiram desenvolver estudos que resultaram em formação continuada para os professores participantes (Glat; Pletsch, 2012; Nunes, Walter; Schirmer, 2013; Schirmer, 2013; Rocha; Oliveira; Estef, 2025, dentre outros).

Com relação a esta contribuição da pesquisa-ação para a formação dos professores participantes, enquanto pesquisa colaborativa, pode-

mos também citar o relato de Glat e Pletsch (2012). As pesquisadoras utilizaram esse referencial metodológico voltado para a formação de professores para atuar com as demandas postas pela inclusão escolar. Após o término de um trabalho de pesquisa em que tiveram a oportunidade de conhecer profundamente determinado contexto de ensino, as pesquisadoras propuseram a realização de uma pesquisa-ação para a devolução dos dados obtidos com a identificação dos problemas da referida realidade. A partir disso, objetivaram contribuir para a resolução destes. Assim, concordamos que:

[...] práticas de formação continuada que levem em consideração metodologias como a pesquisa-ação ou pesquisa-intervenção são mais efetivas, pois garantem aos profissionais participantes refletir sobre suas demandas e construir de forma colaborativa e fundamentada novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Assim, estimulando os docentes a refletirem sobre suas trajetórias e processos formativos (Pletsch, 2013, p. 09 – 10).

Rocha, Oliveira e Estef (2025) sublinham a importância de o professor refletir sobre o seu fazer pedagógico, tendo a possibilidade de enriquecê-lo constantemente. As autoras trazem essa consideração a partir de experiência de pesquisa em que temas como a TA e CA já faziam parte da ementa de um programa de pós-graduação *lato senso*, destacando a importância de ter não apenas acesso ao conhecimento desses temas, mas de refletir sobre suas práticas. Lembramos então da contribuição de Bolzan (2002):

O professor reflexivo aprende a partir da análise e da interpretação da sua própria atividade (...) ao refletir sobre a sua ação pedagógica, ele estará atuando como um pesquisador da sua própria sala de aula, deixando de seguir cegamente as prescrições impostas (...). Durante o processo de reflexão, o professor, muitas vezes, deixa emergir seus esquemas implícitos ou mesmo suas construções teóricas, formuladas desde a formação acadêmica, tentando aproximá-las de sua problemática atual (p.16-17).

O registro a seguir ilustra como essa postura se tornou comum durante a atuação das docentes no trabalho pedagógico nas salas de recursos:

Data	Local	Horário	Duração do episódio	Descrição
28/08	Sala de recursos	08:08h	00:04:46	Igor chega à sala. Ruth o leva até a cadeira, próxima ao computador, mostra uma foto dela e de Igor nos slides e pede que ele mostre quem são as pessoas da foto. Ele fica parado olhando para ela sem expressar respostas. A professora passa slides com figuras de comidas e faz associações com os sinais desses alimentos: “Nós vamos ver lá na tela o biscoito e o pão”. Igor espera calmo. A professora pega a maçã que está em cima da mesa, mostra ao estudante, depois pega a mão dele e mostra várias vezes na tentativa dele repetir. Igor se joga no chão e a professora olha para nós e comenta: “A forma que estou fazendo não está dando certo... tenho que pensar em outra alternativa para que a minha ação de fato ajude na aprendizagem dele”.

**Fonte:** Vinheta confeccionada a partir das transcrições de vídeos

Especificamente sobre esta reflexão, notamos que a pesquisa colaborou para que as professoras pensassem sobre o encaminhamento de ações que viessem a propiciar a melhor aprendizagem de seus estudantes. Depois disso, notamos também que se sentiram impelidas a aprofundar seus estudos e buscar novas trilhas formativas. É pertinente também destacar que se tornaram agentes multiplicadoras na unidade de ensino, impulsionando outros docentes a participar de pesquisas e avançar para novos processos de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as contribuições da pesquisa colaborativa, realizada por meio da pesquisa-ação, podemos ressaltar que essa forma de desenvolver pesquisa contribuiu para que fossem oportunizados momentos de

formação com profunda reflexão e significado para as docenets envolvidas.

Mais do que ir assistir a uma palestra sobre um tema interessante, com um profissional de referência, ou de ler um bom artigo que aborde um assunto importante, participando de um curso relevante, foi vivido um processo de partilhar e trocas de saberes. Este processo emergiu de situações que traziam angústia e preocupação às professoras: a sensação de impotência quando se percebe que sua prática não influencia no desenvolvimento do seu estudante.

Além de reflexões sobre especificidades do desenvolvimento humano e como buscar contemplá-las por meio da ação como professoras, estas docentes conheceram estratégias e possibilidades de atuação que antes não pareciam ser possível.

O processo de transformação indicado como algo pertinente em campos de investigação em que a pesquisa-ação é realizada, foi observado tanto nas relações de ensino quanto nas próprias profissionais que, além de descobrirem potenciais em seus estudantes, perceberam em si próprias. E por que não dizer que isso também aconteceu com as pesquisadoras?

Assim, finalizamos esta escrita ressaltando a importância de que realizemos cada vez mais pesquisas que contribuam para processos de formação transformadores, em especial, ressaltando a necessidade de que cada vez mais se conheça sobre a dedicação múltipla, vislumbrando melhores possibilidades para o desenvolvimento dos sujeitos que apresentam no contexto educacional.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. Etnografia da prática escolar. **Série Prática Pedagógica**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional. **Série Pesquisa**; vol. 13, Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARAÓZ, S. M. **Inclusão de alunos com deficiência múltipla: análise de um programa de apoio.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2010.

ARAÚJO, D. F. de. **Formação continuada de professores na perspectiva da educação inclusiva na Baixada Fluminense.** 2016. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar de Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu - RJ. 2016. Disponível em: <https://rima.ufrjr.br/jspui/handle/20.500.14407/13158?locale=es> Acesso em: 20\_outubro, 2025.

ARAÚJO, D. F. de. **Formação continuada de professoras em Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva no estado do Rio de Janeiro.** 2024. 169 f. Tese (Doutorado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares). Instituto de Educação/Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2024. Disponível em: <https://rima.ufrjr.br/jspui/handle/20.500.14407/19240> Acesso em: 20 outubro, 2025.

BARBIER, R. A pesquisa-ação. Brasília: **Liber Livro**, 2002.

BARDIN. L. Análise de conteúdo. Lisboa: **Editora Persona**, 1977.

BOLZAN, D. P. V. Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. **Mediação**: Porto Alegre, 2002.

BRASIL. **Educação Infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla.** [4. ed.] / elaboração prof<sup>a</sup> Ana Maria de Godói – Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CARVALHO, E. N. S. Programas e capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental – **Deficiência Múltipla.** Brasília, SEESP/MEC, v. 1, 2000.

GARCIA, R. M. C. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. In: **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, nº 52, jan.-mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4cwH7NndqZ-DYRSjCjmDkWWJ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em outubro, 2025.

GLAT, R.; PLETSCH, M. D. Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais. **Série Pesquisa em Educação**. Editora EduERJ, Rio de Janeiro, 2012.

KASSAR, M. C. M. Deficiência múltipla e educação no Brasil-discurso e silêncio na história dos sujeitos. Campinas: **Autores Associados**, 1999.

NUNES, L. R. O. P. WALTER, C. C. de F. & SCHIRMER, C. R. Formação de professores e pesquisadores em educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro: a contribuição da comunicação alternativa. In: PASSERINO, L. M.; BEZ, M. R.; PEREIRA, A. C. C.; PERES, A. (Org.) **Comunicar para incluir**. CRBF: Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, P. S. de; MENDES, E. G. Análise do projeto pedagógico e da grade curricular dos cursos de licenciatura em educação especial. **Educação Pesquisa**. São Paulo, 2016.

ROCHA, M. G. de S. da, OLIVEIRA, M. C. P. de. ESTEF, S. (2025). A Avaliação como Estratégia de Acessibilidade e Inclusão no Processo Formativo de um Curso EAD. *EaD **Em Foco***, 15(2), e2585. <https://doi.org/10.18264/eadf.v15i2.2585> Acesso em outubro de 2027.

PELOSI, M. B. Relatório final da pesquisa: **Formação em serviço de professores de salas multifuncionais para o desenvolvimento da comunicação alternativa com os alunos com necessidades educacionais especiais**. FAPERJ E - 26/110.039/2010 RJ/2011. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbX0ZWNub2xvZ2lhYXNzaX-N0aXZhdWZyanxneDozYzhlyTdlyZlxMzY3ZDVj> Acessado em: outubro de 2025.

PLETSCH, M. D. **Formação docente em tempos de inclusão escolar: em foco as práticas do atendimento educacional especializado**. Nova Iguaçu, 2013.

ROCHA, M. G. de S. da. **Processos de ensino e aprendizagem de alunos com múltiplas deficiências no AEE à luz da teoria histórico-cultural**. 233 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Instituto de Educação / Instituto Multidisciplinar / PPGEduc / UFRRJ, Nova Iguaçu, RJ. 2014. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/13013/3/2014%20-%20Ma%20c3%adra%20Gomes%20de%20Souza%20Rocha.pdf> Acesso em: 14 ago. 2025.

ROCHA, M. G. de S. da. **Os sentidos e significados da escolarização de sujeitos com múltiplas deficiências**. 2018. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu. 2018. Disponível em: <https://rima.ufrrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/9949/3/2018%20-%20Ma%-c3%adra%20Gomes%20de%20Souza%20da%20Rocha.pdf> Acesso em: 18 jul. 2025.

ROCHA, M. G. de S. da; PLETSCHE, M. D.. Deficiência múltipla: disputas conceituais e políticas educacionais no Brasil. **Revista Cadernos de Pesquisa**, v. 22, n. 1, p.112-125, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/3077> Acesso em: 22 outubro 2025.

ROCHA, M. G. de S. da; PLETSCHE, M. D. Deficiência múltipla, sistemas de apoio e processos de escolarização. **Horizontes**, v.36, n3, p.99-110.,2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/700> Acesso em 10/05/2025. Acesso em: 22 setembro 2025.

ROCHA, M. G. de S. da; ROCHA, M. P. F. da. Currículo e sentidos da escolarização de estudantes com deficiência: desafios e possibilidades para uma educação inclusiva. **Revista Educação Online**, v. 20, n.48, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1961/709> Acesso em: 12 julho. 2025.

ROCHA, M. G. S. da; BERNARDO, F. G. Comunicação Alternativa e Formação de Professores: Inovação e Imaginação Pedagógica num Curso EAD. In: Anais Do 10º Congresso Brasileiro de Comunicação Aumentativa e Alternativa da Isaac-Brasil, 2025, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos. Galoá, 2025. Disponível em: <https://proceedings.science/isaacbrasil-2025/trabalhos/comunicacao-alternativa-e-formacao-de-professores-inovacao-e-imaginacao-pedagogi?lang=pt-br#> Acesso em outubro, 2025.

ROCHA, M. G. de S. Da. Comunicação Alternativa e Processos de Compensação em Benefício do Desenvolvimento de Estudantes com Deficiência Múltipla. In Anais do X Congresso Brasileiro de Comunicação Aumentativa e Alternativa da Issac-Brasil: 20 anos de Issac-Brasil: Desafios, avanços e perspectivas da CAA. RJ, 2025a. Disponível em: <https://proceedings.science/isaacbrasil-2025/trabalhos?lang=pt-br> Acesso em: 10 out. 2025.

ROCHA, M. G. de S. da. Escolarização de estudantes com deficiência múltipla: garantia de um direito ou apenas uma formalidade? (No prelo, aceito pela Revista Educação, Ciência e Cultura. Editora Unisalle. Previsão de publicação: Nov. 2025).

SCHIRMER, C. R. Formação inicial e continuada de professores em comunicação alternativa: pontos importantes para vencer os desafios. In: PASSERINO, L. M.; BEZ, M. R.; PEREIRA, A. C. C.; PERES, A. (Org.) **Comunicar para incluir**. CRBF: Porto Alegre, 2013.

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-ação. 14ª edição. São Paulo: **Cortez Editora**, 2005.

VIGOTSKI, L. S. Fundamentos da defectologia (Obras escogidas) volume V. Visor. Madrid, 1997.

VIGOTSKI, L. S. A construção do pensamento e da linguagem. **Textos de Psicologia** (Texto integral, traduzido do russo Pensamento e Linguagem) 496 p. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. In: Educação e Pesquisa v. 37, n.4, p. 861-870, dez., 2011.